

SBH
St 268 ex 15
48/11/10
Correio do Ceará

Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda

Abdias LIMA

Só à segunda leitura descobri que "Raízes do Brasil", de Sérgio Buarque de Holanda (Livraria José Olímpio Editora-12a. edição), é um livro de psicologia, um mergulho nas raízes psicológicas do povo brasileiro, e não um tratado de sociologia ou história, como, certamente à primeira leitura, enxergaram alguns críticos. Wilson Martins escreve: "Mais do que a psicologia, seria talvez necessário fazer a psicanálise do povo brasileiro, não como um método de investigação, mas como um processo de cura".

Podemos acrescentar que sem a diagnose psicológica não podemos curar o indivíduo, psicanaliticamente.

Sem embargo de reconhecer nos holandeses e nos espanhóis qualidades superiores às dos lusitanos, decide-se pela colonização portuguesa, dada sua identificação com o meio. "A contrario do que sucedeu com os holandeses, o português entrou em contato íntimo e frequente com a população de cor. Mais do que nenhum outro povo da Europa, cedia com docilidade ao prestígio comunicativo dos costumes, da linguagem e das seitas dos indígenas e negros. Americanizava-se ou africanizava-se, conforme fosse preciso. Tornava-se negro, segundo expressão consagrada da Costa da África".

Ao oposto do que muita gente pensa o exército que os pernambucanos rechaçaram não era de flamengos, mas composto principalmente de alemães, franceses, ingleses, irlandeses e neerlandeses. Dois de seus maiores generais, um polonês, Cristovão Arciszewski, e outro, alemão, Sigismundo von Schkopp. Falhou a tentativa dos holandeses de competirem com os lusos na exploração da agricultura, por se negarem a vir para cá os filhos da mãe-pátria. Por fim, concluem alguns antropologistas: "os europeus do Norte são incompatíveis com as regiões tropicais".

Mas, reconheçamo-lo, a civilização holandesa era incomparavelmente superior à portuguesa. Não éramos uma Colônia, mas uma Feitoria. "Não convinha que se fizessem aqui grandes obras", diz o autor. Sequestraram a primeira oficina tipográfica, proibiram a cultura da vinha e do trigo, destruíram em Minas canaviais e engenhos para não prejudicar a mineração. Trabalhar? Pretos escravos (que os portugueses já tinham introduzido em Portugal antes do descobrimento) e indígenas constituíam as bestas de carga.

No governo de Maurício de Nassau, em meio da miséria brasileira, Recife ergueu-se sobranceiro, com institutos científicos e culturais, observatórios astronômicos, parques opulentos, palácios monumentais, onde sábios discutiam altos problemas de etnologia, e pintores como Franz Post "se exerciam em transpor para a tela as cores magníficas da natureza tropical". E mais: "Em 1640 se reunia em Recife o primeiro Parlamento de que há notícia na América do Sul".

E pergunta-se: o erótico que domina a sociedade brasileira até hoje não teria suas raízes psicológicas no aspecto rabelaisiano de nossa colonização? Já na carta de Pero Vaz Caminha, descrevendo as índias: "Novinhas e gentis, com os cabelos muito pretos e compridos pelas espaldas, e suas vergonhas tão altas e cerradinhas, e tão limpas de cabeleira....."

Depois Portugal nos declara couto e homizão e convencido estava de aquém da linha do Equador não existia pecado.

"Neste valioso "Raízes do Brasil", de sólida estrutura, trabalhado por surpreendentes densidade de idéias", na opinião do crítico Franklin de Oliveira, há muita originalidade.

Herdamos dos antigos senhores de escravos o amor ao trabalho mental leve, ostentoso, mais ornamento e prenda do que "instrumento de conhecimento e de atividade". Enquanto a colonização portuguesa ficou arranhando a praia, como carangueijo, a castelhana embrenhou-se pelo interior. E aqui fico refletindo: se tivéssemos sido simultaneamente povoados, em harmonia, pelos portugueses, holandeses e pelos castelhanos, talvez o nosso destino fosse outro muito mais feliz. Para contrabalançar relaxamento dos lusiadas, contrariamos com a metodização dos flamengos. A vida urbana destes compensaríamos com a colonização interior dos espanhóis.

Um grande etnólogo alemão chegou a dizer que os exploradores e conquistadores do interior do Brasil foram os brasileiros, e não os portugueses. "Todo o vasto sertão do Brasil foi descoberto e revelado à Europa, não por europeus, mas por americanos".

Fico em dúvida se lucrámos em ter dado a civilização, ao mundo o "homem cordial". É que, baseados em tal cordialidade, certas raças nos têm chupado o tutano, só deixando os ossos. De maneira que, antes de ser ornamento, a cordialidade é defeito.

Correio do Ceará
10.11.1978